

A TRADUÇÃO JORNALÍSTICA SOB UMA ABORDAGEM CRÍTICA: ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE UMA REPORTAGEM DA *NATIONAL GEOGRAPHIC* PARA O CONTEXTO BRASILEIRO



Maria Teresa Marques Santos
(Mestranda do curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UnB)
mteresa2005@gmail.com

Resumo: O texto jornalístico possui características próprias que o distinguem de outros gêneros. Além dos padrões de edição incidentes sobre a construção da reportagem, há diversos fatores externos que condicionam sua produção, quais sejam: ideologia, política de imprensa, expectativa do leitor, necessidade de retorno financeiro, princípios éticos, entre outros. Considerando-se a tradução também uma atividade sujeita a fatores que excedem o domínio linguístico, como incompatibilidades culturais, função e contexto da tradução, este artigo propõe uma análise crítica das estratégias adotadas pelo tradutor e suas implicações para o produto final – a reportagem traduzida. O *corpus* analisado é composto por uma reportagem originalmente escrita em língua inglesa e publicada pela revista americana *National Geographic* e sua tradução para o português brasileiro, publicada pela *National Geographic Brasil*.

Palavras-chave: Tradução, jornalismo, análise crítica.

Abstract: *Journalistic texts are composed of characteristics that distinguish them from other textual genres. Besides editing standards imposed on the production of magazine reports, there are several external factors that influence their production, namely: ideology, press policy, reader's expectations, need for financial return, ethical principles, among others. Considering that translation is also a practice which is subject to factors that exceed the linguistic level, such as cultural incompatibilities and translation function and context, this paper presents a critical analysis of the strategies adopted by the translator and their implications for the final product – the translated magazine report. The corpus analysed consisted of a magazine report originally written in English and published by National Geographic and its translation into Brazilian Portuguese, published by National Geographic Brasil.*

Keywords: *Translation, journalism, critical analysis.*

Desde o século XV, com a introdução de uma forma moderna de impressão de livros e jornais – a prensa móvel, desenvolvida por Gutenberg –, modelos de comunicação em massa iniciaram um ascendente processo de difusão. A notícia começou a receber novas formas de tratamento e divulgação. No Brasil, em 1950, com a astúcia de Assis Chateaubriand em apostar no futuro promissor da mídia televisiva, o jornalismo encontrou terreno para se consolidar ainda mais.

Especialmente após o fenômeno da globalização moderna – em que as trocas comerciais superaram as fronteiras terrestres proporcionando uma espécie de “aldeia global” –

o jornalismo sofreu consideráveis modificações, uma delas referente à integração entre agências de notícias nacionais e internacionais.

No contexto atual, veículos de comunicação já reconheceram a necessidade de estabelecer parcerias com agências situadas nos diversos continentes do globo, a fim de proporcionar a seu público consumidor a cobertura de notícias geradas tanto dentro quanto fora da organização histórico-social em que se situam fisicamente.

Essa perspectiva de “globalização da informação” tanto esteve subordinada à prática tradutória – já que o estabelecimento de parcerias entre tais canais de imprensa espalhados pelo planeta pressupõe a comunicação entre os profissionais envolvidos – quanto contribuiu para e motivou a tradução interlingual – por meio da tradução das próprias matérias jornalísticas.

Revistas de reconhecimento internacional como *National Geographic*, *Harvard Business Review*, *Scientific American*, *The Economist*, entre outras, possuem equipe de tradutores de diversas nacionalidades que operam no sentido de possibilitar que seus conterrâneos tenham acesso às reportagens. No caso do Brasil, todas essas revistas têm suas matérias traduzidas para o português brasileiro.

114

No caso de traduções da *National Geographic* – de onde o *corpus* deste artigo foi retirado –, é filosofia da revista que o autor original seja apresentado também como o autor das reportagens nas demais línguas, provocando uma espécie de apagamento do tradutor. Publicada no Brasil desde 2000 pela Editora Abril, a *National Geographic Brasil* apresenta-se como uma das mais renomadas publicações no segmento sociedade e meio ambiente. A revista é originalmente escrita em língua inglesa e traduzida para outras 33 línguas.

Sobre a prática da tradução, existem críticas que chegam a contestar sua possibilidade e efetividade. De Nida a Berman, passando por Walter Benjamin, Venuti, irmãos Campos, parece não haver consenso quanto a um modelo fixo de tradução ideal. O que percebemos é que, apesar de muita controvérsia, a prática tradutória ocorre há séculos e tem contribuído incisivamente para a integração entre comunidades linguísticas e culturais distintas. É inegável que, em maior ou menor grau, a tradução tem sido exercida com êxito.

Disso presume-se que, apesar de não ser possível estabelecer um modelo uniforme de boa tradução, é possível sim discutir as estratégias adotadas pelo tradutor em um determinado contexto e analisar as implicações dessas escolhas, sempre considerando, além do texto verbal, fatores externos a ele que incidem diretamente sobre a tradução.

Com relação a esses fatores, cabe mencionar alguns, entre os diversos: incompatibilidades geradas por diferenças culturais, contexto histórico, função a ser exercida pelo texto de chegada, interesses particulares de quem encomenda a tradução, a pressão do tempo sobre o profissional, ideologias, etc.

Considerando a questão da ideologia, Venuti, em *A invisibilidade do tradutor*, a define como:

Um conjunto de valores, crenças e representações sociais que são concretizadas na experiência vivida e servem, em última instância, os interesses de uma classe definida. Em outras palavras, a ideologia é constituída, de um lado, por cada um dos momentos em uma prática social, e de outro lado, pelas relações de produção ou pelas relações de classe nas quais essa prática é situada, e atua como mediadora entre estes dois termos (VENUTI, 1995, p. 116).

No que tange ao diálogo entre ideologia e tradução, ainda segundo Venuti, “a relação entre a ideologia e a estratégia de transformação utilizada pelo autor é o momento-chave do processo produtivo, transformando-se no campo conceitual no qual ele faz as suas escolhas interpretativas” (VENUTI, 1995, *apud* CULLETON, 2005, p. 48).

Almejando uma análise crítica que contemple também a consideração dos filtros ideológicos incidentes sobre o processo tradutório, buscarei avaliar se há algum tipo de ideologia predominante sobre a tradução do texto jornalístico em questão, e, se sim, qual.

No que se refere ao jornalismo, o raciocínio é o mesmo: diversos são os fatores externos à língua que condicionam a construção de reportagens. Além de variáveis como tradição e política de imprensa, necessidade de retorno financeiro, estrutura das redações, grau de censura e expectativa do leitor, há também o chamado Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros,¹ em que ficam estabelecidos os seguintes critérios (a serem considerados também pelo tradutor desse gênero textual):

- Objetividade: segundo o qual o texto deve ser respaldado por informações objetivas, livres de impressões pessoais a respeito da temática sobre a qual discorre.

Para tanto, o texto pode até conter grandezas como altura, largura, peso, volume, temperatura, descrição de ações, cores, texturas, no entanto, advérbios que refletem impressões pessoais devem ser descartados, como “bom”, “ruim”, “melhor”, “feliz” ou “infelizmente”, etc.

- Imparcialidade: Apesar da existência do chamado “jornalismo opinativo”, em geral a matéria jornalística objetiva fornecer informações retas e suficientes para que o próprio

SANTOS. A tradução jornalística sob uma abordagem crítica: análise da tradução de uma reportagem da *National Geographic* para o contexto brasileiro *Belas Infêis*, v. 1, n. 1, p. 113-127, 2012.

expectador chegue a conclusões. Em uma situação de conflito entre partes, a ambas o jornalista deve conceder o direito à palavra. Nesse sentido, conforme impõe o código: “O jornalista deve ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas objeto de acusações”. (C.E.J. art 14º)

- Verdade e precisão: O código é enfático: “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação”. (C.E.J. art 7º).

- Confidencialidade: Dentre as diversas fontes jornalísticas estão as pessoas, as entidades, os órgãos públicos, as instituições privadas, etc. Nos casos em que tais fontes se manifestarem contra a divulgação de sua identidade, é dever do jornalista obedecer ao princípio da confidencialidade. Nas palavras do próprio código, “sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e identidade de suas fontes de informação” (C.E.J. art 8º). Com esse fim, antropônimos e substantivos próprios muitas vezes devem ser evitados.

A razão de, antes de proceder a uma abordagem crítica de tradução jornalística, trazer à discussão essa gama de variáveis incidentes sobre a produção jornalística justifica-se pela lógica de que, na tradução desta, tais fatores deverão também ser respeitados e avaliados.

Fica evidente que a tradução de reportagens – assim como toda tradução – é motivada por uma série de fatores que excedem o domínio meramente linguístico do texto. Diante disso, proponho uma análise crítica das estratégias adotadas pelo tradutor e suas implicações para o produto final.

A matéria jornalística eleita como *corpus* deste artigo tem como título em inglês *Amazon*, e, em português “Amazônia”. Nesta, aborda-se a polêmica referente à exploração da floresta Amazônica por meio de uma discussão que relaciona questões políticas, históricas e sociais a preocupações ambientais.

A reportagem, originalmente escrita em língua inglesa, foi capa da revista americana *National Geographic* em janeiro de 2007 e, traduzida para o português brasileiro, foi capa da edição 82, também publicada em janeiro do mesmo ano.

No que tange à veiculação das reportagens aos diversos outros países consumidores de seu jornalismo, percebe-se, por parte dos diretores da revista, uma forte tendência de adequação das reportagens à cultura receptora. Essa mesma edição sobre a Amazônia, por exemplo, resultou em duas traduções para o português: uma para o contexto brasileiro e outra

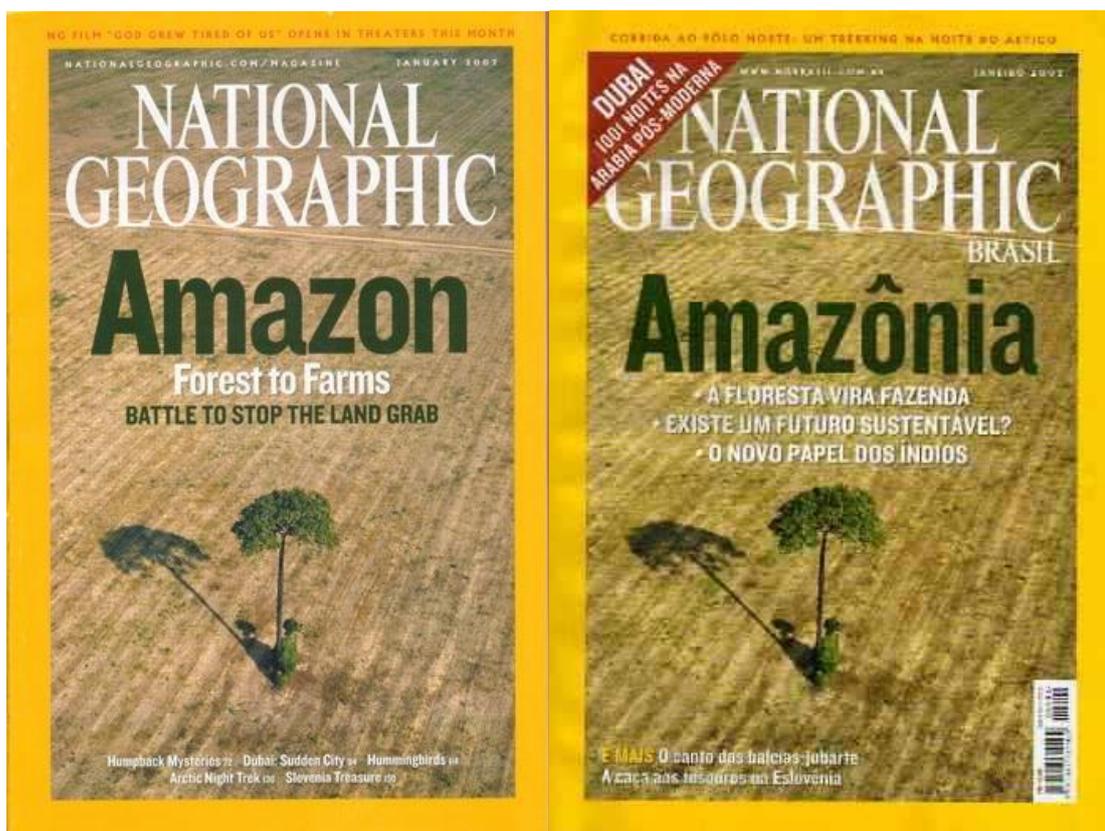
voltada ao de Portugal. Em ambas as traduções, diferenças linguísticas e culturais de cada país foram consideradas.

O próprio endereço eletrônico da revista já reflete essa política de personalização: há o *National Geographic Brasil* e o *National Geographic Portugal*, ambos com acentuadas diferenças, tanto em relação ao uso vocabular quanto à apresentação do *website*, à diagramação e acesso às edições.

Considerando a ampla extensão do texto-fonte em inglês e de sua tradução para o português, ficaria exaustivo e inviável, criticar a tradução do texto sentença por sentença. Procederei, assim, a uma análise dos principais desvios – não necessariamente vistos como negativos – e peculiaridades da tradução em relação ao texto original, bem como enfatizarei as características tradutórias motivadas pelo próprio gênero do texto – o jornalístico.

Será uma oportunidade também de identificar, de forma prática, a diversidade de fatores que, mesmo externos ao texto, influenciam-no de forma direta.

CAPAS E TÍTULOS



117

National Geographic – Janeiro de 2007. Ed. 21 *National Geographic Brasil* – Janeiro de 2007. Ed. 82.

Apesar de certa padronização na apresentação da revista – a diagramação, a fonte, a imagem ilustrativa da matéria são as mesmas –, algumas pequenas diferenças podem ser verificadas logo na capa.

Enquanto na edição em inglês o subtítulo apresenta duas afirmações, na edição brasileira o leitor é instigado por meio de um questionamento “Existe um futuro sustentável?” É provável que a inserção dessa pergunta reflita o perfil do leitor brasileiro, cuja atenção possivelmente seja mais despertada quando questionado. Vale ressaltar que por trás de toda edição há uma equipe de marketing que visa desenvolver um produto vendável, que desperte o interesse do público ao qual se destina.

A expressão inglesa *Forest to farms*, traduzida mais literalmente como “Da floresta às fazendas”, foi mantida em português como “A floresta vira fazenda”, muito provavelmente pela maior naturalidade desta última expressão, já que o sentido não parece ter sofrido grande modificação. Já a expressão *Battle to stop the land grab* ou “A luta pelo fim do desmatamento” não é veiculada na edição brasileira. Nesta há o destaque para outra discussão: o papel dos índios na luta contra a derrubada da floresta (no interior da reportagem essa questão é desenvolvida).

Outras diferenças dizem respeito às chamadas para outras reportagens. Provavelmente as demais matérias que mais interessarão ao leitor brasileiro são a de “Dubai – 1001 noites na Arábia pós-moderna”, a intitulada “Corrida ao polo norte – um trekking na noite do ártico”, como exibido no centro superior e, no canto inferior esquerdo: “O canto das baleias-jubarte” e “A caça aos tesouros na Eslovênia”. Percebe-se aqui uma tradução não no sentido comum, de transposição linguística, mas uma tradução desvinculada da letra, que reflete as expectativas do leitor brasileiro e as estratégias de marketing da revista. Na edição em inglês, por exemplo, no centro superior há a publicidade do filme-documentário *God grew tired of us*, que retrata a fuga para os Estados Unidos de três sudaneses escapando da guerra civil em seu país natal. O filme esteve em cartaz nos cinemas americanos no mês de publicação da edição 211 da *Nat Geo*. Em português, porém, não há qualquer menção ao filme, já que aqui ele não esteve em cartaz.

A REPORTAGEM

Dentre as diversas peculiaridades observadas na tradução dessa reportagem, algumas estratégias tradutórias se destacaram. Nesta seção, tratarei dessas nuances deveras relevantes.

Ao longo da análise, ficou clara a tendência de facilitação e naturalização visando maior fluência do texto em português. Desde o formato da data às medidas de peso, distância e profundidade, tudo foi apresentado segundo os padrões brasileiros. Os pés (*feets*) se transformaram em metros, as milhas (*miles*) foram apresentadas em quilômetros, os acres (acres) transformados em hectares e *February 12th* tornou-se 12 de fevereiro. A apresentação numérica também foi adaptada, em todos os casos, como em:

(...) *62,000 claims*

(...) 62 mil títulos

(...) *a city of 32,000*

(...) cidade de 32 mil habitantes

Os padrões de escrita também foram adequados à prática editorial brasileira. Enquanto em inglês temos:

“The death of the forest is the end of our lives,” she told her followers.

Em português a vírgula foi colocada após as aspas, e o sujeito *she* tornou-se implícito, visando evitar repetições:

“A morte da floresta é o fim de nossas vidas”, costumava dizer a seus seguidores.

Esse segundo modelo é certamente mais próximo às práticas editoriais nacionais e, portanto, menos passível de estranhamentos.

Também nesse sentido está a retomada do sujeito pelo nome, e não pelo sobrenome, como usual em língua inglesa.

Enquanto no texto-fonte temos:

A sputtering air conditioner barely churned the soupy air as da Costa showed me a 2004 logging certificate, along with a carbon copy.

Em português, em vez de “da Costa”, temos:

[Um barulhento aparelho de ar-condicionado pouco alivia o ar denso e úmido quando visito Márcio da Costa e ele me mostra um certificado de exploração de madeira emitido em 2004, assim como uma cópia feita com papel carbono].

Ao longo do texto percebe-se ainda uma interessante fusão entre linguagem direta, prezando a transmissão da informação, e linguagem poética, repleta de metáforas; entre vocabulário trabalhado, rebuscado e linguagem corriqueira, simples.

A tradução jornalística – geralmente associada à tradução de textos técnicos – não se encontra desvinculada da tradução literária. Diversas marcas presentes no gênero literário são também recorrentes nos textos jornalísticos. Nesse sentido, Amoroso Lima faz importantes reflexões: “O jornalismo possui quatro caracteres de especificação crescente: é uma arte verbal; é uma arte verbal em prosa; é uma prosa de apreciação; é uma apreciação dos acontecimentos.” (LIMA, 1990, p. 56).

Diversas são as passagens no *corpus* que sustentam tal raciocínio, vejamos:

Tibaldi reached under a table and pulled out a box filled with supplies: sugar, flour, coffee, utensils. “They’ve run from us,” he said. All was silent, except for the yelping of a pair of toucans in the treetops. The day was growing long, rain clouds were building in the east, and no one wanted to be caught here with darkness falling.

[Sob uma mesa, uma caixa com suprimentos: açúcar, farinha, café. “Eles fugiram de nós”, diz ele. Tudo estava silencioso, exceto pelos gritos de um par de tucanos na copa das árvores. O dia estava chegando ao fim, nuvens escuras se acumulavam a leste, e nenhum de nós tinha vontade de permanecer ali durante a noite].

120

Nessa passagem o repórter narra sua experiência “em campo” durante a coleta de informações para a produção da matéria. Um leitor que se deparasse apenas com esse fragmento, sem saber de antemão que se trata de uma reportagem, possivelmente associaria o trecho ao gênero literário.

Por meio da narração, concede-se ao leitor a possibilidade de visualizar o ambiente, o som e o clima de suspense provocado pela chegada da noite. A sensação de insegurança é ainda mais latente em inglês, na passagem “(...) and no one wanted to be caught here with darkness falling.”

Exemplos são recorrentes ao longo da reportagem:

An iridescent blue morpho butterfly lilted past, one of a million wonders still harbored by this primal forest. But for how much longer?

[Uma borboleta azul esvoaçou perto de nós, uma maravilha natural entre incontáveis outras ainda preservadas. Por quanto tempo?]

Parece ser intenção tanto do repórter quanto do tradutor conquistar a credibilidade do leitor não somente por meio da veiculação de informações confiáveis e questionamentos lógicos, mas também através do apelo aos seus sentidos, à sua imaginação.

O repórter – e conseqüentemente o tradutor –, ao descrever com toque de poesia detalhes de sua experiência, por um lado estimula a apreciação do leitor e, por outro, parece contrariar certos preceitos do jornalismo brasileiro que, como já discutido, deve ser isento de impressões subjetivas e avaliações pessoais.

Há ainda um exemplo de discurso narrativo direto, como o seguinte:

“So, you don’t like to eat meat?” One of the assailants taunted.

“Not enough to destroy the forest for it,” she replied.

“If this problem isn’t resolved today, it’s never going to be,” the man snarled.

[“Então você não gosta de comer carne?”, provocou um dos homens. “Não o bastante para destruir a floresta por causa disso”, respondeu ela. “Se este problema não for resolvido hoje, jamais será”, rosnou o assassino].

Essa passagem registra os últimos momentos de vida de Dorothy Stang. Possivelmente a repercussão da morte da missionária americana motivou uma maior atenção, na reportagem, à sua militância. Em português não houve necessidade de grandes modificações, visto que o diálogo é simples e o desfecho, conhecido.

121

Nesse exemplo em específico, a alternância entre informação e sensibilização em um mesmo parágrafo é curiosa:

And at harvest time, fleets of the trademark green-and-yellow combines rumble across the fields flanking the highway, pouring Rivers of golden soy into open-bed trucks bound for shiny new silos belonging to ADM, Bunge, and Cargill – all American multinationals.

[Na época da colheita, esquadras de colheitadeiras dessa marca são vistas percorrendo os campos que margeiam a rodovia, lançando rios de soja dourada nos caminhões abertos que depois seguem para os reluzentes silos recém-construídos por ADM, Bunge e Cargill – todas empresas multinacionais americanas].

No mesmo parágrafo temos o emprego de expressões técnicas como “esquadras de colheitadeiras”, “multinacionais”, “ADM”, “Bunge”, “Cargill”, ao lado de um estilo de linguagem que remete à arte literária, como “campos que margeiam a rodovia”, “rios de soja dourada”, “reluzentes silos”.

Essa parece ser uma estratégia recorrente em todo o texto. Percebe-se o esforço do tradutor no sentido de empregar um vocabulário artístico, trabalhado, rebuscado sem ser pedante:

Her last mission (...)

[Sua derradeira missão (...)]

(...) poisoned water and dying fish

[Envenenamento da água e mortandade dos peixes].

We crossed a stream, so clear that (...)

[Cruzamos um riacho de águas tão límpidas que (...)]

Brilliant green fields of rice and soybeans.

[Verdejantes plantações de arroz e soja].

No que diz respeito às incompatibilidades culturais, no texto-fonte recorre-se todas as vezes à explicação de termos possivelmente estranhos ao repertório de nativos em língua inglesa.

Uma passagem interessante é esta, em que se explica o significado de vocábulos como “grilagem” e “grileiro”:

Land thievery is committed through corruption, strong-arm tactics, and fraudulent titles and is so widespread that Brazilians have a name for it: grilagem, from the portuguese word grilo, or cricket. Grileiros, the practioners, have been known to age phony land titles in a drawer full of hungry crickets.

[A apropriação ilegal de terras possibilitada por corrupção, táticas violentas e escrituras forjadas – é uma prática tão comum que tem um nome específico: grilagem. Tal nome deve-se ao fato de no passado os grileiros colocarem os falsos títulos de propriedade em uma gaveta onde grilos famintos roíam o papel, fazendo com que parecesse antigo].

Por não ser uma prática desconhecida em outros contextos, houve a necessidade de explicar a grilagem, que é a apropriação ilegal de terras por meio de corrupção, nomear os seus praticantes – os grileiros –, e ainda explicar a relação entre o grilo, *cricket*, e a tática de forjar documentos para que parecessem antigos.

Em português essa explicação relacionada ao crime de “grilagem” foi também traduzida, porém, a fim de afastar a percepção de que o texto fora escrito em língua estrangeira – optando pela estratégia de invisibilidade do tradutor – o trecho em que os brasileiros são tratados como terceira pessoa – *Brazilians have a name for it* – é suprimido. O tradutor limita-se a afirmar que “é uma prática tão comum que tem um nome específico”.

Percebe-se também a modulação do segundo período. Ao invés de especificar os grileiros como os praticantes (em inglês temos o termo *the practioners* entre vírgulas), em português há a retomada do termo “grilagem” por meio de “tal nome” e, logo em seguida, há

a explicação da associação entre a prática e o inseto, deixando apenas implícita a noção de que os grileiros são os praticantes da grilagem.

Outro termo marcadamente cultural para o qual foi encontrado um termo bastante satisfatório em inglês é “posseiro”. No texto-fonte a palavra empregada pelo redator foi *squatters*, que, segundo o *Michaelis*, designa “intruso que se apossa de terras alheias, colonizador em terras devolutas, intruso que se instala em imóvel desocupado”.

Há de se atentar, contudo, para a impossibilidade de encontrar equivalentes perfeitos, especialmente em se tratando de culturas distintas. Apesar de “posseiro” e *squatters* designarem a intromissão em terras alheias, há uma inflamada discussão política por trás do termo, principalmente no contexto brasileiro. Enquanto pela bancada ruralista e por grandes latifundiários os “posseiros” são vistos como criminosos, invasores, ladrões, segundo os defensores do movimento pró-reforma agrária, por exemplo, posseiros são vistos como lavradores que justificadamente ocupam pequenas porções de terras devolutas ou improdutivas.

É interessante perceber como esse conflito resvala na própria tradução. Enquanto neste primeiro trecho atribui-se sentido pejorativo a *squatters*/posseiros:

Once the trees are extracted and the loggers have moved on, the roads serve as conduits for an explosive mix of squatters, speculators, ranchers, farmers, and, invariably, hired gunmen.

[Uma vez que as árvores são derrubadas e os madeireiros seguem adiante, as estradas proporcionam acesso a uma explosiva mistura de posseiros, especuladores, fazendeiros, lavradores e, invariavelmente, pistoleiros].

Nessa segunda passagem perde-se a tonalidade pejorativa através da tradução de *landless squatters* pela expressão “lavradores sem título”:

Meanwhile, landless squatters moved in from adjacent lots, working plots whose ownership the government failed to resolve.

[Enquanto isso, os lavradores sem títulos passaram a ocupar áreas cuja posse não fora retomada pelo governo].

Da mesma forma que, em inglês, incompatibilidades culturais são devidamente explicadas, o mesmo pode ser percebido nas estratégias do tradutor para o português brasileiro:

Brazilians are not the only people profiting from soybeans. Along the 500-mile paved stretch of BR-163 between Cuiabá and Guarantã do Norte, there are no fewer than five John Deere dealerships.

[Os brasileiros não são os únicos a lucrar com a soja. Ao longo do trecho pavimentado de 800 quilômetros da BR-163, entre Cuiabá e Guarantã do Norte, há pelo menos cinco concessionárias da John Deere, fabricante americana de máquinas agrícolas].

Previendo a não familiarização do brasileiro com multinacionais como a *John Deere*, cujas relações comerciais com o Brasil garantem lucratividade com a soja, o tradutor buscou explicitar o ramo de atuação da empresa acrescentando ao texto “fabricante americana de máquinas agrícolas”.

O mesmo ocorre quando, no texto em inglês, há a referência a multinacionais americanas como ADM, Cargill e Bunge.

Em geral, os principais desvios em relação ao texto-fonte estão mais relacionados a explicitações, adição de informações, paráfrase, uso de colocações e modulações – estratégias que visam naturalização e fluência do texto.

Eis alguns exemplos:

The invaders were brazen enough to have erected and locked a gate across the Road.

[A sensação de impunidade é tanta que os invasores ergueram uma porteira e fecharam a estrada].

Esse é um dos exemplos de modulação, em que a tradução encontra-se desvinculada da letra e comprometida com o sentido e com a ideologia. Ao invés de optar por “os invasores eram atrevidos o suficiente para erguer e bloquear [...]”, a perspectiva, na tradução, é outra: “a sensação de impunidade é tanta que [...]”.

There is potential for a win-win situation [...]

[Há possibilidade de uma situação em que todos saem ganhando [...]]

Houve aqui a explicação da expressão *win-win situation*. Por não encontrar expressão correspondente, o tradutor preferiu lançar mão de um termo explicativo a permitir o possível estranhamento gerado por “situação ganha-ganha”.

But laws are only as good as the will to enforce them. “Satellite imagery shows that in many frontier zones there is nearly zero compliance,” says Stephan Schwartzman of Environmental Defense, a U.S.-based NGO. “People have to believe breaking the law has consequences.”

[Mas a legislação só vale quando há vontade de que seja respeitada. “As imagens obtidas de satélites mostram que em muitas zonas avançadas a lei quase nunca é cumprida”, comenta Stephan Schwartzman, da Environmental Defense, uma ONG com base nos Estados Unidos. “E, se não há punição, quem se importa com a lei?”]

Interessante exemplo de modulação que prioriza a familiarização com o texto e ainda mantém o teor de crítica presente no registro verbal. Se o tradutor optasse por uma estratégia de estrangeirização do texto, ousaria, para o primeiro trecho em inglês grifado, uma tradução do tipo “Mas leis são apenas tão boas quanto a vontade de aplicá-las”, estranha e talvez incompreensível ao leitor brasileiro. O mesmo se aplica a *nearly zero compliance* – “complacência quase nula”; e “as pessoas têm que acreditar que ferir a lei tem consequências”, como grifado no final do texto-fonte. Esse último trecho, ao invés de traduzido segundo a letra, foi substituído por um questionamento construído sob a premissa de que é preciso haver punição para que a lei seja cumprida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa sobre a prática de tradução jornalística, esperava-se encontrar mais filtros ideológicos a refletirem posições políticas, mais distorções na tradução em relação ao texto-fonte.

Tal expectativa ocorreu pelo fato de se tratar de uma reportagem cuja temática é controversa, rodeada por discursos inflamados a defenderem perspectivas por vezes contrárias. Ainda há o fato de estarmos lidando com uma construção externa de uma realidade nossa, enquanto brasileiros. Analisar uma matéria jornalística estrangeira sobre a Amazônia é observar, através da lente do estrangeiro, um conflito próprio de nossa cultura e sociedade.

Percebeu-se – na análise deste *corpus* em específico – que as estratégias tradutórias apontaram para uma tendência de tornar o texto o mais natural e fluente possível para o leitor em língua portuguesa.

Essa recorrência, porém, não deixa de refletir uma marca ideológica, designada por Venuti (1995) como “fluência” e assentada no princípio da consumabilidade do produto. Nas palavras do próprio Venuti:

A consumabilidade é a ideologia que media a produção fluente e a sua transformação em mercadoria: ela está inscrita na materialidade do texto e situa esse texto nas relações de produção existentes. A ideologia da consumabilidade pode ser considerada como um determinante externo da tradução: ela é imposta por revisores e editores, em parte em função dos índices de venda, o que significa que ela liga o texto a outra prática social, relativamente autônoma – de forma específica a indústria editorial; de forma mais geral, às práticas econômicas adotadas nas formações sociais capitalistas (VENUTI, 1995, p. 118).

Essa consumabilidade está intimamente relacionada ao jornalismo. A própria seleção da temática e a maneira escolhida para abordá-la encontra-se em relação direta com o que a “patronagem” imagina ser de interesse público. Nesse cenário, em nome do que o mercado

editorial considera aceitável – e, portanto, vendável – prioriza-se o apagamento de qualquer estranhamento e a invisibilidade do tradutor.

Outra crítica digna de ser ressaltada diz respeito ao conflito entre a teoria e a prática jornalística. Apesar do discurso de objetividade predominante sobre a atividade – em que se presume o descarte de impressões subjetivas e a neutralidade frente aos fatos a serem noticiados, conforme indica o código de ética dos jornalistas –, o texto analisado é composto por uma curiosa fusão entre objetividade e subjetividade. Há passagens em que a narração é meticulosamente construída a fim de não apenas informar o leitor, mas estimular uma apreciação sensível do fato.

Para a tradução, isso diz muito. Os esforços no sentido de se estabelecer limites entre tradução técnica e literária são, aqui, severamente contestados. Isso porque os gêneros textuais não se encontram isolados, mas fundidos a fim de conceber um discurso. No máximo, podemos afirmar que um gênero predomina sobre outro em determinado texto, mas nunca que ele se apresenta isoladamente.

126

O tradutor de reportagens, além de conhecedor das línguas envolvidas, deve ter condições de reconhecer todas essas nuances e saber lidar também com as marcas de outros gêneros presentes no jornalismo. Além de habilidades de repórter, investigador, de autor e tradutor, há também de ser um pouco poeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=450>>. Acesso em: 27 dez. 2011.

COSTA, M. J. D. ZIPSER, M. E. POLCHLOPEK, S.A. Leitura e tradução no texto jornalístico: Os vários caminhos do café. **Caligrama: Revista de Estudos e pesquisas em linguagem e mídia**, v. 4.

CULLETON, José Guillermo. **Análise da tradução do espanhol para o português de textos jornalísticos na mídia impressa no Brasil.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

Dicionário **Michaelis** UOL versão software, 2005.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** São Paulo: EDUSP, 1990.

National Geographic – Janeiro de 2007 – Ed. 211

National Geographic Brasil – Janeiro de 2007 – Ed. 82

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor.** Tradução de Carolina Alfaro, em Palavra 3. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

ZIPSER, Meta Elisabeth. Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2002.

¹ Disponível no site da Associação Brasileira de Imprensa: <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=450>>.